

GAZETA MERCANTIL

Quarta-feira, 27 de novembro de 1991

DIRETORIA

Diretor-Presidente
Luiz Fernando Ferreira Levy
Diretores Vice-Presidentes
Henrique Alves de Araújo
Roberto Müller Filho
Roberto de Souza Ayres
José Andretto Filho

Página 4

Não há nenhuma dúvida quanto ao fato de que o Brasil está mal. Apesar disso, notam-se uma nítida diminuição do pessimismo nacional e um notável aumento das articulações e dos esforços em busca de uma saída para a crise. Este fenômeno já é, em si, uma boa notícia.

Vivemos realmente uma época difícil, que é ainda mais difícil para as camadas de menor renda. O trágico indício dessa deterioração das condições sociais está nas estatísticas criminais e no deprimente aumento da pobreza e da miséria, particularmente nas grandes cidades.

Em uma situação como esta é natural que alguns procurem tirar vantagem, que outros aciram suas críticas e divergências e apenas os mais lúcidos e responsáveis procurem acender uma luz na escuridão do túnel.

A recente proliferação de fóruns, conferências, entrevistas e entendimentos de todos os gêneros e em todos os níveis, no Brasil, revela um sensível e salutar crescimento deste último grupo, empenhado em descobrir dentro das normas de convivência do pluralismo democrático fórmulas capazes de produzir consensos e desencadear ações construtivas.

O Congresso Nacional tem sido o mais importante palco desse desempenho, que está

Economia - Brasil As sementes da esperança

presente na movimentação de deputados de todos os principais partidos, no sentido de encaminhar uma solução negociada para o aumento de receita tributária que o governo precisa obter para realizar a sua política econômica no ano que vem.

Vale a pena citar, a propósito, a elogiável atividade desenvolvida pelo deputado Francisco Dornelles, do PFL, e a receptividade por ele alcançada da parte de importantes colegas do PMDB, do PSDB e do próprio PT, saudidamente oposicionistas.

E igualmente relevante a ação dos presidentes das duas casas legislativas federais — o deputado Ibsen Pinheiro e o senador Mauro Benevides —, com a finalidade de garantir que os assuntos de maior importância e urgência sejam votados ainda este ano, afastando, através de um acordo, a obstrução programada pelas bancadas de oposição.

Funcionários do governo interessados nesses temas têm demonstrado cuidado e capacidade de negociação nos seus entendimen-

tos políticos, em uma atitude muito distante da arrogância com que costumavam conduzir-se alguns deles, quando proliferavam as medidas provisórias.

Fora dos círculos do poder político colhe-se a mesma impressão. O próprio presidente da República, severo crítico dos empresários, tem ressalvado com ênfase a boa vontade que encontra na Comissão Empresarial de Competitividade — um expressivo grupo de mais de duzentos homens de empresa que tem trabalhado com dedicação e desprendimento em favor da modernização econômica do País.

O envolvimento desses empresários com questões tão fundamentais para o desenvolvimento nacional, como é a educação básica, bem demonstra a amplitude desse esforço e serve de paradigma para atuação semelhante em todas as esferas da vida brasileira.

O Brasil fecha o ano de 1991 envolto nas brumas de uma situação penosa. A previsão do governo é de que o crescimento econômico não será retomado no ano que vem.

Há demissões nas fábricas e angústia no comércio.

Trata-se de um momento delicado, que exige descortino, espírito público e uma grande dose de patriotismo.

Cada opção envolve uma responsabilidade e um preço. Ao dizer que os especuladores que apostaram no descontrole da economia e em um novo choque "quebraram as fuças", o presidente Collor cometeu um excesso verbal, mas acertou com precisão o seu alvo.

As loucuras da "terça-feira negra", quando os preços do ouro e do dólar dispararam em saltos estratosféricos, não se seguiram à hiperinflação e o congelamento.

Veio a calmaria e não a tormenta. Hoje, a diferença entre o dólar comercial e o livre recuou ao seu segundo nível mais baixo, nos últimos sete anos. E a inflação, segundo a Fundação Instituto de Pesquisas Econômicas (FÍPE), da Universidade de São Paulo, revêrou, em novembro, a sua primeira desaceleração desde maio.

A dor, o sofrimento e a desorientação persistem. Há, porém, cada vez mais pessoas e instituições cultivando e regando os canteiros da esperança.